

# O PRESENTE COMO HISTÓRIA: ESCREVER A HISTÓRIA DE SEU PRÓPRIO TEMPO

Eric J. Hobsbawm

*Tradução do inglês: Heloísa Buarque de Almeida*

## RESUMO

Nesta conferência, apresentada no Museu de Arte de São Paulo quando de sua visita ao Brasil no mês de agosto deste ano o historiador Eric Hobsbawm discute as principais dificuldades que encontrou ao escrever seu mais recente livro, *A era dos extremos*. Ao lidar com a história do século XX Hobsbawm deparou com o fato de estar tratando da história que ele próprio acompanhou ao longo de sua vida. Essa proximidade entre o período analisado e sua história pessoal é o pano de fundo para a discussão de alguns problemas que qualquer historiador enfrenta ao escrever sobre seu próprio tempo.

*Palavras-chave: história; século XX; historiografia; Eric Hobsbawm.*

## SUMMARY

In this lecture presented at São Paulo's Art Museum during his visit to Brazil in August of this year, historian Eric Hobsbawm discusses the main difficulties he faced in writing his most recent book, *The age of extremes*. In this book, Hobsbawm had to deal with the fact that he was writing the history of a period he himself had experienced throughout his own life. This proximity between the period under analysis and his personal story provides the backdrop for discussing some of the problems that any historian who writes about his own times must face.

*Keywords: history; twentieth century; historiography; Eric Hobsbawm.*

Já se disse que toda história é história contemporânea com uma fantasia. Há alguma verdade nisso. O grande Theodor Mommsen escreveu sobre o Império Romano como um liberal alemão da safra de 48, refletindo também sobre o novo Império Alemão. Por trás de Júlio César, percebemos a sombra de Bismarck. Ainda assim, uma coisa é escrever a história da Antiguidade Clássica, ou das Cruzadas, ou da Inglaterra dos Tudor como precursora do século XX, como todos os historiadores destes períodos devem fazer, e outra bem diversa é escrever a história de seu próprio tempo. Os problemas e possibilidades de se fazer isso são o assunto de minha palestra de hoje. Vou considerar principalmente três problemas: o da época de nascimento do historiador ou, de forma mais geral, o problema das gerações; o problema de como a perspectiva de alguém sobre o passado pode mudar à medida que a história progride; e o problema de como escapar dos pressupostos que a maioria de nós compartilha.

Falo a vocês como alguém que, tendo sido durante a maior parte de sua carreira essencialmente um historiador do século XIX, se manteve deliberadamente distante do mundo posterior a 1914 — pelo menos nos textos profissionais, mesmo que isso não seja verdade quanto aos trabalhos extracurriculares. Como as luzes da Europa de sir Edward Grey, as minhas também se apagavam depois de Sarajevo — ou, como devemos chamar agora, da primeira crise de Sarajevo, em 1914.

No entanto, por vários motivos, finalmente escrevi um livro sobre a história do Curto Século XX — o período que começa em Sarajevo e (como hoje podemos tristemente perceber) também termina em Sarajevo, ou melhor, com o colapso dos regimes socialistas da União Soviética e, consequentemente, da metade oriental da Europa. Foi isso que me levou a refletir sobre o ato de escrever a história do seu próprio tempo, pois, como alguém que nasceu em 1917, minha vida praticamente coincide com o período sobre o qual escrevi em meu livro.

Mas a própria frase "de seu próprio tempo" aponta para uma questão importante. Ela supõe que uma experiência de vida individual é também coletiva. De certa forma, isto é obviamente verdadeiro, ainda que seja paradoxal. Se a maioria de nós reconhece os marcos mais importantes da história mundial ou nacional em nossa vida, não o fazemos porque todos nós os vivenciamos, mesmo que isso possa realmente ter ocorrido com alguns de nós, ou que alguns de nós os tenhamos percebido na época como marcos. Mas os reconhecemos porque aceitamos o consenso de que são marcos. E como se cria este consenso? Ele é realmente tão geral como supomos, a partir de nossa perspectiva britânica, européia ou ocidental? Provavelmente não há mais do que meia dúzia de datas que são marcos simultâneos nas histórias distintas de *todas as* regiões do mundo. 1914 não está entre elas, mas provavelmente estão o final da II Guerra Mundial e a Grande Depressão de 1929-33. Embora não muito proeminentes em algumas histórias nacionais, há outras datas que, simplesmente por sua repercussão mundial, teriam de fazer parte do consenso. A Revolução de Outubro é um desses eventos. Se existe tal consenso, em que medida ele é permanente, em que medida é sujeito à mudança, à erosão, à transformação, como e por quê? Tentarei comentar estas questões mais adiante.

Mesmo que deixemos de lado esse quadro de referência da história contemporânea que é construído por nós e no qual encaixamos nossas próprias experiências, elas são nossas. Cada historiador tem sua própria vida, um lugar privado a partir do qual inspeciona o mundo. Talvez ele seja compartilhado com outros em situações comparáveis mas, entre os 6 bilhões de seres humanos deste final de século, tais grupos de observação são estatisticamente insignificantes. Meu próprio ponto de vista foi construído, entre outros elementos, por uma infância na Viena dos anos 20, os anos da ascensão de Hitler em Berlim, que determinaram minha posição política e meu interesse em história, e pela Inglaterra, particularmente a Cambridge dos anos 30, que confirmaram ambos. Sei que, basicamente por causa destes elementos, meu ângulo é diferente até mesmo do de outros

historiadores com quem partilho ou partilhei o tipo de interpretação histórica e que trabalharam no mesmo campo, ainda que cheguemos às mesmas conclusões a respeito dos mesmos problemas. À sua maneira, qualquer outro historiador com pendor para um pouco de introspecção analítica deve ter a mesma sensação. E quando se escreve não sobre a Antiguidade Clássica, nem sobre o século XIX, mas sobre seu próprio tempo, a vivência pessoal deste tempo molda inevitavelmente a forma como o vemos, e até mesmo o modo como determinamos a evidência à qual todos nós devemos apelar e nos submeter, independentemente de nossos pontos de vista. Minha experiência de vida é diferente da de Florestan Fernandes. Se tivéssemos escrito sobre o mesmo tema histórico, não teríamos escrito da mesma forma.

Se isso ocorre no caso de historiadores com idades e formações semelhantes, a diferença entre gerações é suficiente para dividir profundamente os homens. Quando digo a meus alunos americanos que me lembro do dia, em Berlim, em que Hitler se tornou chanceler da Alemanha, eles me olham como se eu tivesse dito que estava no Teatro Ford quando o presidente Lincoln foi assassinado em 1865. Os dois eventos lhes parecem igualmente pré-históricos. No entanto, para mim, 30 de janeiro de 1933 constitui uma parte do passado que ainda faz parte do meu presente. O estudante que voltava da escola com sua irmã naquele dia e viu a manchete do jornal ainda vive em alguma parte de mim. Ainda posso ver a cena, como se fosse num sonho.

Estas divisões de idade se aplicam também a historiadores. Há atualmente um debate vigoroso entre historiadores britânicos sobre a política do país em geral e sobre Winston Churchill em particular, depois da queda da França de 1940. O ataque é conduzido por historiadores conservadores de direita que acreditam que teria sido melhor ter negociado a paz com Hitler e, de fato, pelos defensores históricos de Neville Chamberlain e de sua política de apaziguamento. É um debate político e ideológico, mas é ao mesmo tempo um debate sobre a experiência de viver em 1940, que estes jovens historiadores — a maioria na casa dos trinta — não podem ter tido. Entre os que tiveram a sorte de viver aquele extraordinário momento de nossa história, muito poucos duvidaram na época, ou duvidam hoje, de que Churchill verbalizou o que a maioria do povo britânico sentia — ou melhor, o que o povo britânico sentia. Eu, um soldado de uma unidade de classe trabalhadora que tentava construir defesas obviamente inadequadas contra invasões na costa da Inglaterra, certamente não duvidei disso na época. O que me surpreendia então era a suposição automática, irrefletida e absoluta de meus companheiros na Companhia de Campanha 560 dos Engenheiros Reais, de que iríamos guerrear. Não que *deveríamos* ou *preferíamos* lutar ou que seguiríamos nossos líderes, mas que a opção de *não* lutar estava simplesmente descartada. Sem dúvida, tratava-se do reflexo de homens ignorantes e desatentos demais para reconhecer a situação desesperadora na qual a Inglaterra se encontrava depois da queda da França, e que era óbvia até para

um jovem intelectual deslocado que contava só com os agentes de notícias da região para obter informações. No entanto, mesmo naquela época, parecia para mim evidente que havia uma grandeza desprezível naquele momento, quer o chamemos ou não de "O Grande Momento da Inglaterra" ["Britain's Finest Hour"]. *C'était magnifique — et c'était la guerre*: e Churchill pôs isso em palavras. Mas na época, eu estava lá.

Isso não significa que os historiadores não têm razão para retomar o argumento dos apaziguadores. Isso é bem fácil para um historiador na casa dos trinta, mas é quase impossível de imaginar, e mais ainda de fazer, para historiadores da geração da guerra. Os apaziguadores *tinham* um argumento, cuja força nós, jovens antifascistas da década de 30, não reconhecíamos, porque nossos objetivos não eram os mesmos de Chamberlain e Halifax. Considerando seus objetivos, que eram também os de Churchill — a preservação do Império Britânico —, eles tinham um argumento melhor que o de Churchill.

E no entanto, como minha geração sabe sem ter de recorrer a arquivos, os apaziguadores estavam errados e Churchill estava certo pelo menos em um aspecto, ao reconhecer que um acordo com Hitler era impossível. Em termos de política racional o acordo fazia sentido, supondo-se que a Alemanha de Hitler era uma "grande força" como outra qualquer, jogando pelas regras conhecidas e cínicas da política de força, como até Mussolini fez. Mas não era. Quase todos acreditaram, em algum momento da década de 30, que tais acordos poderiam ser feitos, até mesmo Stalin. A grande aliança que finalmente lutou contra o Eixo e venceu, formou-se não porque os resistentes venceram os apaziguadores, mas porque a agressão alemã *forçou* os futuros aliados a se unirem entre 1938 e o final de 1941. O que se pôs diante da Inglaterra em 1940-41 não foi a escolha entre uma vontade cega de resistir sem a menor perspectiva visível de vitória e a busca de uma paz de compromisso "em condições razoáveis", pois mesmo naquele período as evidências indicavam que tal paz não era possível com a Alemanha de Hitler. O que podia ser negociado era ou parecia ser, no máximo, uma versão um pouco mais digna da França de Pétain. E o fato de que Churchill se manteve no governo fala por si. Poucos pensaram que a paz seria algo além de um eufemismo para dominação nazista.

Por favor, não me entendam mal. Não estou apenas defendendo os historiadores idosos do século XX em relação aos jovens historiadores. Comecei minha carreira como um jovem historiador que entrevistava sobreviventes dos movimentos sociais anteriores a 1914 sobre a época deles, e a primeira lição que aprendi foi que nem mesmo valia a pena entrevistá-los sem antes descobrir mais sobre o assunto da entrevista do que eles poderiam se lembrar. A segunda, foi que sua memória provavelmente se enganaria sobre qualquer fato verificável isoladamente. A terceira, que era inútil tentar fazê-los mudar suas idéias, que haviam se formado e se estabelecido havia muito tempo. Historiadores na casa dos vinte ou trinta certamente ainda têm essa experiência com suas fontes mais idosas, que em princípio devem incluir historiadores que são também membros

da terceira idade. Entretanto, temos algumas vantagens. E, para aqueles que querem escrever a história do século XX, uma das mais importantes reside no simples fato de saber, sem nenhum esforço especial, *o quanto as coisas se modificaram*. Os últimos trinta ou quarenta anos foram os mais revolucionários da história. O mundo, ou seja, a vida dos homens e mulheres que vivem na Terra, nunca foi transformado de maneira tão profunda, dramática e extraordinária dentro de um período tão curto. As gerações que não viram como o mundo era antes têm dificuldade em perceber isso intuitivamente. Um ex-membro do bando de Giuliano, o bandido siciliano, que voltou à sua terra natal perto de Palermo depois de vinte anos na cadeia, disse-me uma vez, perdido e desorientado: "Onde antes havia vinhedos, hoje há *palazzi*". (Ele se referia aos prédios de apartamentos dos investidores imobiliários.) De fato, ele tinha razão. A cidade em que nascera tornara-se irreconhecível.

Aqueles que são suficientemente velhos para se lembrar não acham normais essas mudanças. Os jovens não podem saber, mas os historiadores mais velhos *sabem*, sem o menor esforço, que "o passado é outro país. Lá, as coisas são diferentes". Isso pode ter uma relação direta com nosso julgamento sobre o passado e o presente. Por exemplo, por haver vivido a ascensão de Hitler na Alemanha, sei que os velhos nazistas da esquina se comportavam de forma muito diferente dos neonazistas de hoje. Duvido que haja um registro de um caso no começo da década de 30 em que uma casa de judeus, com seus habitantes, tenha sido atacada e incendiada por jovens nazistas que agissem sem ordens específicas, como acontece com frequência atualmente nas casas de turcos e de outros imigrantes. Os jovens que fazem isso podem usar os símbolos da era de Hitler, mas representam um fenômeno político diferente. O início da compreensão histórica é uma valorização da *alteridade* do passado, e o maior pecado dos historiadores é o anacronismo. Portanto, temos uma vantagem natural que compensa nossas inúmeras desvantagens.

No entanto, quer haja ou não vantagens da velhice sobre a juventude, quanto a um aspecto a mudança de gerações é visivelmente central tanto na escrita como na prática da história do século XX. Não há nenhum país em que a passagem da geração de políticos que teve uma experiência direta da II Guerra Mundial não tenha marcado uma mudança profunda, ainda que silenciosa, na sua política e na sua perspectiva histórica da guerra e da Resistência — como é evidente na França e na Itália. De forma geral, isso se aplica à memória de todos os grandes levantes e traumas da vida nacional. Não considero acidental que uma história de Israel não dominada pela mitologia e pela polêmica nacionalistas só tenha aparecido naquele país em meados da década de 80 — ou seja, quarenta anos depois do estabelecimento do Estado —, ou que a história irlandesa escrita pelos irlandeses só tenha se emancipado realmente da herança do mito feniano e do contramito unionista nos anos 60.

Vou me debruçar agora sobre a segunda de minhas observações, que é o inverso da primeira. Ela não trata do efeito da idade do historiador ou

de sua perspectiva sobre o século, mas do efeito da passagem dos anos do século sobre a perspectiva do historiador, seja qual for sua idade.

Quero iniciar com uma conversa entre Harold Macmillan e o presidente Kennedy em 1961. Macmillan dizia que os soviéticos "têm uma economia com capacidade de recuperação e logo vão superar a sociedade capitalista na corrida pela riqueza material". Não importa o quão absurda a declaração soe atualmente, havia muitas pessoas bem informadas no final dos anos 50 que concordariam com esta posição, ou não a rejeitariam, especialmente depois que os soviéticos demonstraram ter vencido os Estados Unidos na tecnologia espacial. Não teria sido absurdo que um historiador contemporâneo que escrevesse nos anos 60 a tivesse aceitado.

Nossa sabedoria não advém necessariamente de compreender melhor os mecanismos da economia soviética do que os economistas de 1961, mas do fato de que a passagem do tempo nos forneceu a derradeira arma do historiador, a percepção posterior ao evento. Nesse caso ela é correta, mas pode também ser enganadora. Por exemplo, desde 1989 tornou-se comum entre muitos observadores, especialmente economistas que têm uma melhor compreensão da teoria de mercado do que da realidade histórica, considerar a economia soviética e as semelhantes como um campo em ruínas, porque assim se tornaram depois do colapso do bloco soviético e da União Soviética. Porém, elas foram, à sua própria maneira, um sistema econômico que funcionava, mesmo que nos anos 80 já estivessem bastante abaladas e inferiores às economias capitalistas — tanto em tecnologia como na capacidade de oferecer a seus habitantes bens e serviços — e desmoronando aos poucos. Elas não estavam à beira do colapso. Na verdade, se a União Soviética tivesse se isolado totalmente do resto do mundo como se fosse um planeta à parte, seus habitantes teriam quase certamente concordado com a idéia de que viviam melhor e com mais facilidades com Brejnev do que qualquer geração anterior de russos.

O que está em questão aqui não é simplesmente a capacidade de antever do historiador ou de qualquer outra pessoa. Valeria muito a pena discutir por que tão poucos eventos dramáticos da história do mundo nos últimos quarenta anos foram previstos ou mesmo esperados. Eu diria até que a previsibilidade da história do século XX ficou muito menor desde a II Guerra Mundial. Depois de 1918, a II Guerra Mundial e até a depressão mundial foram muitas vezes esperadas. No entanto, depois da II Guerra, os economistas previram os "trinta gloriosos anos" de grande crescimento mundial? Não. Eles esperavam uma depressão pós-guerra. Eles previram o fim da Era Dourada no início da década de 70? A OCDE aguardava um crescimento continuado, e até acelerado, de 5% ao ano. Eles previram os atuais problemas econômicos, tão sérios a ponto de terem quebrado um tabu de meio século quanto ao uso da palavra "depressão"? Na realidade, não. As previsões foram e continuam sendo feitas a partir de modelos bem mais avançados dos que os disponíveis no entreguerras, e com base em um acúmulo de dados enorme e sem precedentes, processados à velocidade da luz pelas máquinas mais complexas e sofisticadas. O desempenho

dos analistas políticos, comparativamente amadores, não é melhor. No entanto, não tenho tempo para considerar aqui a natureza e as implicações metodológicas destes fracassos. A questão na qual quero me concentrar é de que *mesmo o registro do passado* se modifica à luz da história subsequente.

Gostaria de dar um exemplo. Pouquíssimas pessoas negariam que uma época da história mundial terminou com o colapso do bloco soviético e da União Soviética, seja qual for a leitura dos eventos de 1989-91. Uma página da história foi virada. O simples fato de isso ter acontecido basta para modificar a visão de todos os historiadores vivos do século XX, pois ele transforma uma extensão de tempo em um período histórico com sua própria estrutura e coerência, ou incoerência — "o curto século XX". Não importa quem nós somos, não podemos deixar de ver o século inteiro diferentemente do modo como o víamos antes de os fatos de 1989-91 inserirem sua marca de pontuação em seu fluxo. Seria absurdo dizer que agora podemos ter um distanciamento como temos do século XIX, mas pelo menos podemos vê-lo como um todo. Numa palavra, a história do século XX escrita na década de 90 deve ser qualitativamente distinta de qualquer história escrita anteriormente.

Gostaria de ser ainda mais concreto. Quando me convidaram pela primeira vez para escrever um livro sobre o século XX, pensei que poderia ver o Século Curto como uma espécie de díptico. Sua primeira metade — de 1914 às consequências da II Guerra — constituía claramente uma era de catástrofe, na qual cada aspecto da sociedade-capitalista liberal do século XIX entrou em colapso. Foi uma era de guerras mundiais, seguidas de revoluções sociais e do colapso dos antigos impérios, da economia mundial próxima ao desmoronamento, do colapso ou derrota das instituições democráticas liberais em quase todos os lugares. A segunda metade, do final dos anos 40 em diante, foi exatamente o oposto: uma era em que, de uma forma ou de outra, a sociedade capitalista liberal se reformou e se recuperou para florescer como nunca. E o extraordinário, sem precedentes nem paralelo, Grande Salto Adiante da economia mundial no terceiro quarto do (longo) século XX me parecia — e ainda parece — a característica da paisagem do século XX que os observadores do terceiro milênio consideram central. Mesmo naquele período, era possível analisar o setor socialista do mundo não como uma alternativa econômica global ao capitalismo — por volta dos anos 80 sua inferioridade era evidente —, mas como um produto da era da catástrofe do capitalismo. Na década de 80, ele não aparecia mais uma alternativa global ao capitalismo, como parecera a muitos nos anos 30. Ainda que seu futuro parecesse problemático, já não era visto como central. Novamente, todo mundo tinha consciência de que a Era Dourada do Grande Salto Adiante da economia mundial tinha acabado no início da década de 70. Entretanto, isso não parecia suficientemente dramático para perturbar o quadro geral. Lembrem-se de que o final dos anos 80 foi um período de crescimento substancial no mundo capitalista desenvolvido.

Em um ano ou dois tornou-se claramente necessário repensar esta forma binária do século XX. Por um lado, o mundo soviético desmoronou, com consequências econômicas imprevistas e catastróficas. Por outro, tornou-se cada vez mais evidente que a própria economia do mundo ocidental estava enfrentando os problemas mais sérios desde a década de 30. No início dos anos 90, até o Japão foi sacudido, e os economistas voltaram a se preocupar com o desemprego em massa ao invés da inflação, como aconteceu nos pré-históricos anos 40. Governos de todas as formas e tamanhos, apesar de agora serem aconselhados por grandes exércitos de economistas, viram-se novamente sem saber o que fazer, ou impotentes. Parecia agora que, embora os sistemas políticos do Leste deixassem de existir, a estabilidade dos sistemas não-comunistas, tanto no mundo desenvolvido como no Terceiro Mundo, não estava mais garantida. Em resumo, a história do Curto Século XX agora parecia mais um tríptico, ou um sanduíche: uma Era Dourada comparativamente curta separando dois períodos de grande crise. Ainda não sabemos o resultado deste segundo período. Quem tem de dar conta dele são os historiadores do próximo século.

Quando entreguei pela primeira vez a meus editores um esboço do livro, não encarava os fatos dessa forma. Por sorte, sou um autor que sempre adia o início do trabalho, e quando comecei a escrever percebi a mudança. O que havia mudado não era a forma como eu pensava os fatos mundiais a partir de 1973, mas a conjunção repentina de eventos tanto no Leste como no Ocidente a partir de 1989; isso praticamente me forçou a ver os últimos vinte anos sob uma nova perspectiva. Cito a minha experiência não porque quero persuadi-los a encarar o século sob esta mesma perspectiva, mas simplesmente para demonstrar a diferença que viver dois ou três anos dramáticos pode fazer na forma como um historiador vê o passado. Um historiador que escrever daqui a cinquenta anos verá nosso século por este prisma? Quem sabe? Mas ele ou ela certamente estará menos à mercê dos movimentos de prazo relativamente curto do tempo histórico do que aqueles que os vivenciaram. Esta é a difícil condição do historiador do seu próprio tempo.

Gostaria agora de passar ao terceiro problema de escrever a história do século XX. Ele afeta historiadores de todas as gerações e infelizmente é menos sujeito à rápida revisão à luz dos eventos históricos, apesar de felizmente não ser imune à erosão da mudança histórica. Isto me leva de volta à questão do consenso histórico que mencionei antes. Trata-se do padrão geral de nossas idéias sobre o nosso tempo, que se impõe à nossa observação. Vivemos um século de guerras religiosas e isso nos afetou a todos, incluindo os historiadores. Não é só a retórica dos políticos que trata os eventos do século como uma luta entre Bem e Mal, Cristo e Anticristo. A *Historikerstreit* ou "batalha dos historiadores" alemã da década de 80 não discutia se o período nazista devia ser visto como parte da história alemã, ao invés de um parêntese de estranho pesadelo. Não havia discordância real neste ponto. A questão era se qualquer atitude com relação à Alemanha

nazista que não fosse a condenação total não correria o risco de reabilitar um sistema totalmente infame, ou pelo menos abrandar seus crimes. A força desses sentimentos é tal que, enquanto pronuncio estas frases, percebo de forma incômoda que mesmo atualmente elas podem ser interpretadas como um sinal de "flexibilidade com o nazismo", e assim demandar algum tipo de retratação.

O perigo das guerras religiosas é que continuemos a ver o mundo em termos de jogos de soma zero, de divisões binárias mutuamente incompatíveis, mesmo quando as guerras acabam. Mais de setenta anos de conflito ideológico mundial transformaram em quase uma segunda natureza a divisão das economias do mundo em socialistas e capitalistas, economias de base estatal e privada, e uma escolha excludente entre as duas opções. Se considerarmos o conflito entre elas normal, as décadas de 30 e 40, quando o capitalismo liberal e o comunismo stalinista se uniram contra o perigo da Alemanha Nazista, parecerão anômalas. Mas de certo modo, elas sem dúvida formaram a articulação central da história do século XX. Pois foram o sacrifício da União Soviética e as idéias de planejamento e gerenciamento macroeconômico ali iniciadas que salvaram e ajudaram a reconstruir o capitalismo liberal. Foi o medo saudável da revolução que forneceu grande parte do incentivo nessa direção.

Mas essas décadas centrais do século parecerão tão anômalas para o historiador de 2095 que, olhando para o passado, observará que as declarações mútuas de hostilidade entre capitalismo e socialismo na verdade nunca levaram a uma guerra real entre eles, apesar de países socialistas terem lançado ofensivas militares uns contra os outros, assim como os países não-socialistas?

Se um observador de outro planeta observasse nosso mundo, ele faria realmente esta divisão binária? Será que tal observador acharia de fato natural colocar Estados Unidos, Áustria, Irlanda, Coreia do Sul, México, os Perus de Velasco, Garcia e Fujimori, Dinamarca e Turquia sob o mesmo título de "capitalismo"? ou a economia da União Soviética que desmoronou depois de 1989 e a da China, que se manteve, sob a mesma classificação? Se nos colocássemos no lugar de tal observador, não teríamos dificuldade em encontrar vários outros padrões nos quais a estrutura econômica dos países do mundo se encaixaria mais facilmente do que num leito de Procrusto binário. Mais uma vez, estamos à mercê do tempo. Se agora pelo menos é possível abandonar o padrão de oposições binárias mutuamente exclusivas, ainda é bem obscuro quais alternativas concebíveis poderiam substituí-lo com eficiência. Mais uma vez, teremos de deixar que o século XXI tome suas próprias decisões.

Vocês deveriam esperar que, ao final de uma palestra dedicada às dificuldades de se escrever a história de seu próprio tempo, eu terminasse com uma nota de estímulo. Talvez vocês pensem que ela não compensa muito o ceticismo de minhas observações anteriores. Mas não quero que me entendam mal. Falo como alguém que tentou de fato escrever a história de seu próprio tempo, e não como uma pessoa que procura mostrar como isso

é impossível. Entretanto, a experiência fundamental de todos que viveram a maior parte deste século é o engano e a surpresa. O que aconteceu foi, na maior parte das vezes, um tanto inesperado. Todos nós nos enganamos mais de uma vez em nossos julgamentos e expectativas. Alguns de nós ficaram agradavelmente surpresos com o desenrolar dos fatos, mas provavelmente outros em maior número ficaram decepcionados; com frequência, essa decepção tornou-se mais forte devido à esperança ou, como em 1989, à euforia anterior. Qualquer que seja nossa reação, a descoberta de que estávamos enganados, de que talvez não tenhamos entendido algo direito, deve ser o ponto de partida de nossas reflexões sobre a história de nosso tempo.

Há casos — talvez o meu seja um deles — em que essa descoberta pode ser muito útil. Muito da minha vida, provavelmente a maior parte de minha vida consciente, foi devotada a uma esperança que foi totalmente frustrada, ainda que não abandonada, e a uma causa que fracassou completamente: o comunismo iniciado com a Revolução de Outubro. Mas nada aguça mais a mente do historiador do que a derrota. Gostaria de concluir com uma passagem de um velho amigo, de convicções bem diversas das minhas, que usou esta observação para explicar as realizações de uma série de inovadores da história, de Heródoto e Tucídides a Marx e Weber. Eis o que o professor Reinhard Koselleck escreve:

*O historiador do lado do vencedor inclina-se facilmente a interpretar os sucessos de curto prazo em termos de uma teleologia ex post de longo prazo. Mas não os derrotados. Sua experiência básica é que tudo aconteceu diferentemente do esperado ou planejado [...] Eles têm uma grande necessidade de explicar por que não aconteceu aquilo que esperavam, e sim algo diverso. Isso pode estimular a busca de causas de médio e longo prazos que explicam [...] a surpresa, [...] criando compreensões mais duradouras e, conseqüentemente, com maior poder explicativo. No curto prazo, a história pode ser feita pelos vitoriosos. Porém, a longo prazo, os ganhos em termos de compreensão histórica advieram dos vencidos.*

Koselleck tem razão, mesmo que generalize demais. Ainda assim, se ele estiver apenas parcialmente correto, o final deste milênio deve inspirar muitas interpretações históricas inovadoras e de qualidade. Pois à medida que o século termina, o mundo está cada vez mais cheio de pensadores vencidos que usam de uma grande variedade de roupagens ideológicas, do que de pensadores triunfantes. Especialmente entre aqueles que são suficientemente idosos para ter memórias compridas.

Eu sou um deles, e espero que minha história do século XX tenha se beneficiado disso.

Eric J. Hobsbawm é Professor Emérito de História Econômica e Social da Universidade de Londres.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 43, novembro 1995  
pp. 103-112

---